



Uma hora a mais no ENEM realmente ajuda?

Jornal da Universidade / 18 de julho de 2024 / Artigo

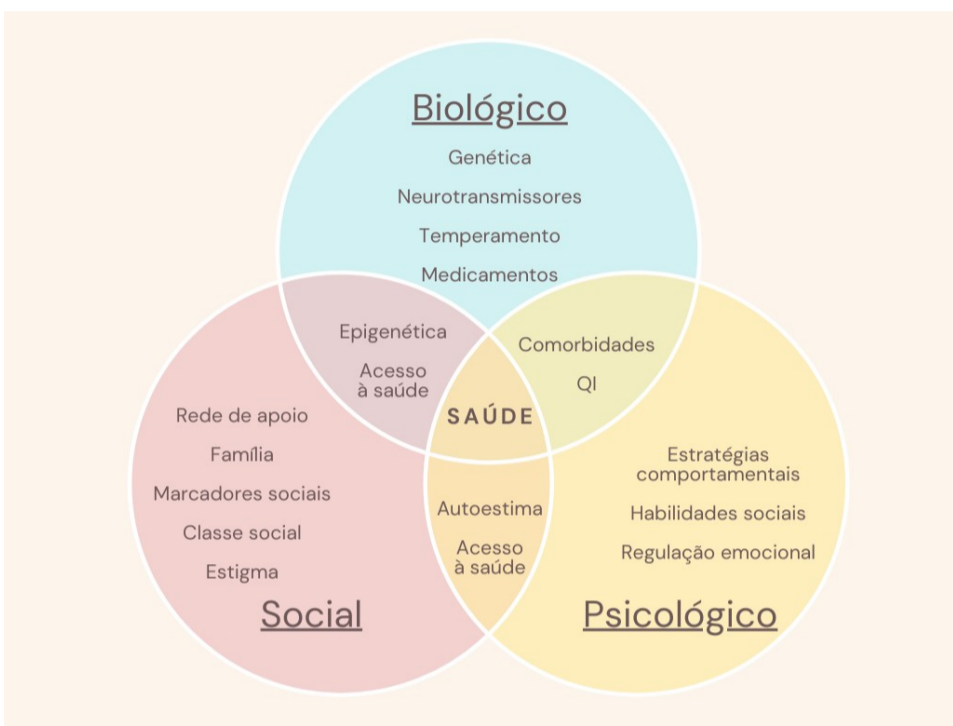
Artigo | Lui Martins Costa Malcon, mestrando do PPG em Psiquiatria e Ciências do Comportamento, relata pesquisa que busca avaliar a eficácia do tempo extra em provas para universitários e vestibulandos

*Ilustração: Fabio Alejandro Viera/Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-UFRGS

Enquanto escolas e clínicas infantis tradicionalmente se ocupam de manejar os impactos do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) para as crianças afetadas, apenas recentemente as instituições de Ensino Superior estão trazendo esse assunto para dentro de seus portões.

O TDAH, acrônimo pelo qual o transtorno é conhecido, é popularmente relacionado a uma imagem: meninos agitados que incomodam em aula, falam fora de hora e não conseguem se concentrar para estudar. Mas esse estereótipo não apenas estigmatiza como também invisibiliza aqueles que não se encaixam nele.

Além disso, a maior parte das pesquisas científicas são feitas com crianças. Isso também se dá pelo fato de que é um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, os sintomas costumam aparecer durante a infância. No entanto, os adultos que têm TDAH continuam sofrendo impactos negativos no seu dia a dia, e isso se manifesta de forma diferente, porque o cérebro amadureceu, o ambiente mudou e as demandas aumentaram. O modelo biopsicossocial nos ensina que toda condição de saúde tem uma dimensão biológica, psicológica e social, e que existem interações entre elas. E como o ambiente é uma importante parte dessa equação, as intervenções psicossociais têm ganhado mais atenção quando o assunto é o manejo de TDAH.



Representação do modelo biopsicossocial e exemplos

Assim, nos interessamos por estudar o TDAH em jovens adultos que estão numa importante fase de adaptação e mudanças: o ingresso no Ensino Superior. Cada vez mais, pessoas com TDAH e suas famílias têm pressionado as instituições para que elas ofereçam acomodações em sala de aula. Mas, afinal, o que são acomodações acadêmicas?

Acomodações são adaptações, ajustes ao ambiente (físico ou não) que buscam garantir equidade na participação de determinados grupos na sociedade, em especial em questão de direitos básicos, como saúde e educação.

A equidade aqui se torna um conceito muito importante porque, diferenciando-se de igualdade, não consiste na ausência de diferenças. Quando buscamos equidade, vamos considerar justamente as diferenças para buscar um estado de justiça, de paridade. Por exemplo, em um serviço de urgência hospitalar, deve-se atender primeiro aos casos em que há maior risco de morte iminente, e não apenas quem chegou primeiro. Desse modo, as acomodações podem tomar diversas formas e cores, dependendo do cenário, dos objetivos e sujeitos envolvidos.

Acomodações acadêmicas podem ser oferecimento de recursos extras, como tutores, mudanças no currículo, modificações nas tarefas de casa, utilizando enunciados menores, ou no contexto de avaliações, permitindo que o aluno as faça em uma sala separada, longe de distrações, ou com tempo a mais. A acomodação mais frequente para alunos com TDAH é o tempo estendido em provas. Inclusive no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é possível, com o laudo de um especialista, contar com uma hora a mais para realizar o exame. A questão é que, no momento, nós não sabemos se essa ou outras acomodações de fato funcionam ou não, porque existem pouquíssimas pesquisas sobre isso.

Ofertar acomodações em avaliações acadêmicas ou não (e, se sim, quais) é um tópico especialmente delicado, porque muitas vezes envolve uma vaga em uma faculdade, como é o caso do ENEM. A discussão passa a envolver questões complexas como justiça e equidade.

Autores que se debruçaram sobre o tema no passado enfatizaram que o objetivo de acomodações em provas é mitigar os efeitos da condição de saúde em questão, e não garantir o máximo potencial daquele aluno ou melhorar sua performance.

Por exemplo, se você tiver uma deficiência visual, uma prova em braille vai permitir que você a execute, mas não lhe dará nenhuma vantagem em relação às outras pessoas que estão fazendo a mesma prova. O cenário já é diferente quando o assunto é tempo extra. O debate muitas vezes fica feroz, opiniões divergem, e o que nós queremos saber é: tempo a mais realmente ajuda os alunos com TDAH? Ou ajuda todo mundo?

Saber disso não encerrará o debate, mas nos dará informações sobre o cenário real com que estamos lidando. Saber os efeitos do tempo extra na performance dos alunos com e sem TDAH nos auxilia a ampliar o debate e repensar formas de avaliação e ingresso no ensino superior e orientar políticas públicas.

Com isso, deixo o convite aberto aos alunos do primeiro ano de faculdade, pois estamos em coleta de dados! Também podem se inscrever alunos que estão estudando para prestar vestibular este ano. Lembrando que precisamos também de participantes para o grupo controle, ou seja, sem o diagnóstico. Por questões éticas, não podemos remunerar monetariamente os participantes. Mas, além de contribuir com a ciência (e eventos recentes nos ensinaram o quanto isso é importante), os participantes recebem uma avaliação psiquiátrica e neuropsicológica (que avalia, entre outras coisas, o QI). Além disso, vamos ministrar um Workshop de Técnicas de Alívio da Ansiedade, porque sabemos que isso também tem um importante impacto na hora do exame! Para se candidatar, faça a inscrição pelo [link](#), whatsapp (51) 99751-4587 ou email lmalcon@hcpa.edu.br.

Lui Malcon é psicólogo formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e mestrando do PPG em Psiquiatria e Ciências do Comportamento da UFRGS, orientado pelo professor Luís Augusto Rohde, fazendo parte do Programa de Transtornos de Déficit de Atenção/Hiperatividade (ProDAH).

As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.

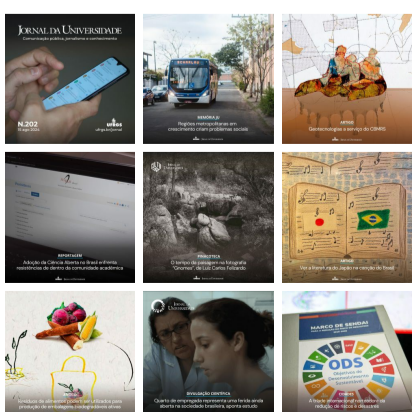
:: Posts relacionados

- Avaliação postural em evidência
- Cotas indígenas na UFRGS: é preciso continuar falando sobre isso
- Perspectivas educacionais na emergência climática
- Força-tarefa do IPSSCH mapeia o perfil dos abrigados na Esedf

INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow



[View on Instagram](#)

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria - 8. andar | Câmpus Centro |
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060

[\(51\) 3308.3368](tel:(51)3308.3368)

jornal@ufrgs.br